

O TRABALHO E A SAÚDE DO PROFESSOR: INDÍCIOS ASSOCIADOS AO ADOECIMENTO NA PROFISSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Adrielle Souza da Costa¹

Raimundo Sidnei dos Santos Campos²

RESUMO

O artigo aborda a temática do trabalho docente e a saúde do professor, tendo por base indícios associados ao adoecimento na profissão. O objetivo geral é compreender os fatores presentes no contexto do trabalho docente que levam ao adoecimento dos professores. A metodologia é de abordagem qualitativa em educação, desenvolvida por meio do levantamento bibliográfico e da análise documental, a partir do enfoque do paradigma indiciário. Os resultados apontaram que dentre as principais enfermidades que mais acometem os professores encontram-se as doenças psicossociais, osteomusculares, a síndrome de Burnout e distúrbios da voz. Os fatores geradores de adoecimento, se destacam a intensificação de trabalho, sobrecarga, precárias condições do ambiente laboral, salas de aulas superlotadas, desvalorização social e salarial. No contexto da pandemia da COVID-19, os casos de adoecimentos se agravaram, diante das exigências do trabalho remoto e dos novos desafios. O estudo mostrou que as transformações que atingem a sociedade, acabam implicando no sistema educacional e, por conseguinte, no trabalho do professor, que se encontra cada vez mais complexo e imerso a desafios constantes, o que gera um grande abalo na saúde deste profissional e o deixa mais vulnerável às doenças ocupacionais.

Palavras-chave: Trabalho docente. Adoecimento do professor. Pandemia da COVID-19. Amazonas.

INTRODUÇÃO

O trabalho do professor é uma profissão com muitos desafios e exigências. A sobrecarga das atividades docentes se repercute na saúde física, mental e no desempenho profissional dos professores. As pressões impostas pelo trabalho docente na sociedade capitalista ocasionam o surgimento de doenças, comprometendo a qualidade de vida e bem-estar docente.

A pandemia da COVID-19 causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) produziu uma crise sanitária que se repercutiu no contexto escolar, na organização do ensino e na saúde dos professores, devido as mudanças ocorridas nas rotinas de trabalho e as exigências profissionais.

O presente artigo apresenta parte do estudo desenvolvido no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. A preocupação principal foi discutir o trabalho docente e a saúde do professor, refletindo criticamente sobre o processo de saúde-adoecimento na profissão, com ênfase no contexto da Pandemia.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Escola Normal Superior – ENS, Universidade do Estado do Amazonas-UEA, e-mail: adriellesouzadacosta@gmail.com

² Professor Orientador. Doutor em Educação. Escola Normal Superior – ENS, Universidade do Estado do Amazonas-UEA; Pedagogo da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas-FVS, e-mail: rcampos@uea.edu.br

O interesse pela temática nasceu das vivências educacionais decorrentes dos estágios supervisionados realizados no contexto escolar da cidade de Manaus, onde, dentre outras situações, tomou-se conhecimento de casos de afastamentos de professores das instituições de ensino, por fatores gerados pelo adoecimento adquirido dentro do ambiente escolar.

Questões a esse respeito causaram inquietações e diante da necessidade de estudo da temática apresentada, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: o que causa o adoecimento do professor no contexto do trabalho docente? Neste sentido, como objetivo geral, a pesquisa buscou compreender as condições presentes no contexto do trabalho docente que induzem ao adoecimento destes profissionais. E, como objetivos específicos, pretendeu-se: (a) conhecer a complexidade do trabalho docente na atualidade; (b) identificar as principais causas e doenças do adoecimento docente; e, (c) entender como os desafios impostos pelo ensino remoto em tempos de COVID-19, refletiu-se na saúde dos professores.

A metodologia adotada neste estudo seguiu a abordagem da pesquisa qualitativa em educação, tendo sido desenvolvida, a partir do levantamento bibliográfico e documental com base no enfoque teórico-metodológico do Paradigma Indiciário, sistematizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), na obra intitulada “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”, sobretudo no texto “Sinais: Raízes de um Paradigma indiciário.

Os resultados do estudo apontaram evidências da precarização do trabalho docente na atualidade, como a intensificação das atividades, carga horária redobrada, desvalorização salarial, adaptação aos meios tecnológicos, etc. Findam contribuindo ao adoecimento desse profissional, favorecendo o desencadeamento de doenças mentais, distúrbios da voz, osteomusculares, entre outros. Nesta perspectiva, a pandemia da COVID-19 agravou os casos de enfermidades dos professores, pois diante dos desafios impostos pelas novas condições de trabalho, gerou-se um grande abalo na saúde mental desses profissionais.

METODOLOGIA

A metodologia é de abordagem qualitativa em educação, tendo sido desenvolvida com base numa revisão bibliográfica e estudo documental. Como método de análise, a investigação do material bibliográfico e documental foi fundamentada no paradigma indiciário, sistematizado por Ginzburg, como método interpretativo da realidade, onde o pesquisador em seu processo de investigação deve estar curioso e atento aos detalhes. Ginzburg (1989) sistematiza o modelo epistemológico que orienta a elaboração do conhecimento com investigação minuciosa e análise refinada dos indícios.

Os instrumentos da coleta de dados, por se tratar de uma abordagem bibliográfica e documental, foram utilizados livros e bases de dados online disponibilizados ao público em geral. Os dados foram coletados diretamente de livros, revistas e artigos, e as fontes principais foram as publicações científicas em formato eletrônico na web disponibilizadas nas bases de dados da *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Google Acadêmico (*Google Scholar*).

Foi realizada uma seleção de descritores sobre o trabalho e a saúde do professor, com o objetivo de delimitar da melhor forma possível a temática do estudo. Os descritores escolhidos foram: o trabalho docente na atualidade; precarização do trabalho docente; as doenças ocupacionais; a saúde do professor, o processo saúde-doença e o trabalho docente na pandemia da COVID-19.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho docente e os desafios na atualidade

O trabalho na sociedade contemporânea, com transformações intensas nas últimas duas décadas, acabou gerando grandes impactos em todas as profissões. “Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e técnicas”. (TARDIF & LESSARD, 2005, p. 49).

Antunes (2000), destaca que na sociedade capitalista, o trabalho humano se torna apenas uma forma imprescindível de reprodução de capital e os trabalhadores perdem os seus direitos sociais para se adaptar às novas relações trabalhistas.

A forte influência do pensamento neoliberal na economia gerou grandes transformações, resultando na precarização em todos os setores de trabalho. Nesta perspectiva, a organização do trabalho e as demandas do mundo atual impõe diversos desafios ao dia a dia do professor. Como enfatiza Bueno e Almeida (2016), todas essas mudanças institucionais que vêm ocorrendo no âmbito educacional fazem parte de uma política mais ampla, instituída nos países capitalistas, para manter um complexo processo de dominação.

A precarização laboral que vem afetando o modo de trabalho dos docentes está amplamente ligada às reformas educacionais, que acabam sendo formuladas com interesses capitalistas e fundamentadas nas relações de poder; obliterando o bem-estar do profissional. Conforme relata Tardif & Lessard, “as reformas estão afetando em todo o lugar, os professores, que com razão acabam se sentindo desvalorizados e pouco reconhecidos”. (2005, p. 41).

Oliveira (2004), ressalta que as condições de trabalho dos docentes de escolas públicas brasileiras demonstram um contexto de reestruturação do trabalho pedagógico produzindo novas demandas escolares e, conseqüentemente, modificações nas formas de gestão e organização do trabalho na escola. Estas mudanças têm resultado na intensificação do trabalho docente e em maiores desgastes e insatisfação por parte desses trabalhadores.

Segundo Esteve (1999), o professor não deve associar mais o seu trabalho apenas ao domínio cognitivo, pois além de dominar as matérias que leciona, são atribuídas inúmeras funções a esse profissional. “Pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual etc. (ESTEVE, 1999, p.100)

O trabalho docente em meio a pandemia causada pela covid-19

A situação do trabalho docente que já era considerada precária, se agravou ainda mais com o surgimento da pandemia ocasionada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). O vírus causou uma tragédia que causou impactos na humanidade. Foram adotadas medidas para minimizar a transmissibilidade da doença, como o isolamento social para diminuir a propagação.

As aulas presenciais das instituições de ensino foram suspensas por conta da pandemia da COVID-19, causando reformulações do calendário escolar e adequações ao ensino remoto em plataformas digitais, impactando na saúde do profissional docente, como descreve Souza et al (2021, p. 03) “professoras e professores passaram a trabalhar em tempo integral na própria casa, em situação de trabalho remoto, home office ou teletrabalho, expostos às condições de trabalho improvisadas e às jornadas extenuantes.”

O trabalho remoto sobrecarregou os docentes, pois, grande parte não tinha acesso à internet e aos recursos tecnológicos necessários para exercerem essa modalidade de ensino. Segundo Pachiega e Milani (2020), os professores tiveram que se reinventar em um curto período de tempo e incorporar as tecnologias da informação e comunicação, além de todo o preparo pedagógico para que as aulas remotas pudessem acontecer.

A transição súbita que marcou o momento do ensino presencial ao remoto, acabou gerando grandes desafios para a classe dos professores. Além de toda a preocupação e temor com pessoas cada vez mais infectadas e inúmeros casos de morbimortalidades, os docentes tinham que se preocupar em oferecer um ensino de qualidade em meio a pressões exacerbadas pelas instituições de ensino e dessa forma, acabaram ficando mais expostos ao

desencadeamento de doenças. Como relata Silva et al (2020, p. 03) “Muitas vezes, por não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição, e devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio de tecnologias, gravações de aulas, os docentes acabam adoecendo.”

Pachiega e Milani (2020), descrevem o mal-estar vivenciado na atualidade pelos docentes, como "inteiramente ligado às novas formas de relações da prática pedagógica, à identidade docente e às novas demandas do mundo externo que não estão sob o controle de professores e alunos.”

O mal-estar docente, é um termo que já caracterizava alguns aspectos do trabalho do professor antes da pandemia, e com o surgimento de tal, agravou os sintomas aos professores. Com as situações relatadas, é fato que os profissionais docentes ficaram mais expostos ao surgimento de doenças mentais, em decorrência dos elevados níveis de estresse gerados pelos desafios do ensino remoto.

Esteve (1995) citado por Pachiega e Milani (2020), relata algumas das consequências geradas pelo mal-estar docente, como sentimentos de desajustamento, desejos manifestos ou velados de abandonar a docência, esgotamento, angústia, estresse, autodepreciação, depressão, ansiedade, entre outras.

Para Souza et al (2021), na pandemia, o conflito dado pelo medo do desconhecido, gerou angústia e conseqüentemente, transformando-se em ansiedade, pânico e dependendo da forma como se lida com tal situação, sobretudo, os que já apresentavam algum sintoma, o desencadeamento de problemas relacionados a saúde mental se tornou uma evidência.

Silva et al (2020) citaram um estudo chinês que comprovou o adoecimento docente dado pelo momento pandêmico do coronavírus, onde evidenciou inúmeros docentes adoecidos mentalmente pela COVID-19, devido a transtornos depressivo leve, transtorno afetivo bipolar, ansiedade generalizada, transtorno de adaptação e síndrome de burnout.

Ainda segundo a autora (2020), são necessárias ações que busquem capacitar docentes para uso das tecnologias de forma que estejam preparados para o ensino-aprendizagem em EAD. Além disso, a mesma sugere que sejam criados espaços com multiprofissionais, para atendimentos aos docentes de forma que desenvolvam programas voltados para a saúde mental desses trabalhadores com o objetivo de amenizar os impactos decorrentes das tensões que permeiam o contexto da pandemia.

O adoecimento do professor no seu contexto de trabalho

Grande parte das pesquisas voltadas para a compreensão do processo de adoecimento humano, as pessoas buscam estudar a relação do trabalho e doença. Como enfatiza Araújo, Pinho e Masson (2019), a saúde do trabalhador é um campo constituído no paradigma da saúde coletiva, e sua referência é o trabalho: baseia-se na expressão dos elementos nele existentes para estabelecer condições que produzam saúde ou produzam doença e dor.

É depreendido, a grande importância que possui o trabalho na vida de todo ser humano, a necessidade de ir em busca de conquistar o que almeja, ter uma vida mais estável, está relacionado ao trabalho, já que através do mesmo, pode-se proporcionar melhores condições de vida e de saúde na vida dos profissionais e de seus dependentes. Porém, quando exercido de forma irregular, pode ser causador de fatores estressores e levar ao adoecimento.

Ferreira (2013), afirma que o adoecimento que afeta os professores, além das consequências para a sua saúde, prejudica o sistema de ensino e a aprendizagem dos alunos. “Os custos sociais e econômicos podem ter múltiplos desfechos: absentismo, acidentes e enfermidades diversas, físicas, comportamentais e psíquicas.” (LANDINI, 2006, p.5 Apud FERREIRA, 2013).

Nóvoa (1999) destaca que a profissão docente passa por uma crise profunda e os professores encontram-se desmotivados, angustiados e sobrecarregados por conta das novas funções que lhes foram atribuídas e que vão além do seu domínio. Segundo o autor, “as consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constate”. (NÓVOA, 1999, p.22)

De acordo com Souza (2013), uma das principais doenças que acometem os professores são os transtornos mentais. Tal enfermidade, atinge principalmente as profissões na qual o profissional tem contato de forma direta e constante com o público, como é o caso do professor. Relata ainda que, o trabalho docente é submetido aos mais diversos tipos de situações que fogem do domínio desse profissional, pois, lidam com um variado tipo de comportamentos de alunos (alguns desrespeitosos), intensa carga horária de labor, falta de descanso, turmas superlotadas, exigências constantes, etc. Esses fatores acabam contribuindo para o desenvolvimento de transtornos mentais.

Diante do exposto, esses fatores que atingem o professorado na atualidade são denominados por alguns estudiosos como mal-estar docente, que é definido para explicar os aspectos de caráter negativos relativos ao adoecimento psíquico na profissão. (ZARAGOZA, 1999, APUD GASPARINI ET AL, 2005).

Os autores Lima e Filho (2009, p.73), relatam os sintomas com maior prevalência ao transtorno: cansaço mental, estresse, ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, insônia e depressão. São sintomas relatados com frequência pelos professores, pois são os mais afetados diante das condições de trabalho em que são expostos.

A Síndrome de Burnout ou síndrome da desistência, que de acordo com a classificação internacional de doenças, recebe o código CID-10 - Z73.0, é desenvolvida pelo esgotamento profissional e está condicionada ao intenso ritmo de trabalho exercido pelo docente. Neste sentido, “Burnout em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho[...] (FERREIRA, 2013, p. 38)

Carlotto (2002) relata que a síndrome é constituída de três dimensões: exaustão emocional; despersonalização em relação (também denominada cinismo) e baixa realização pessoal no trabalho. A primeira é caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; a segunda, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e a terceira dimensão, tendência do trabalhador a se autoavaliar de forma negativa. O professor tende a desenvolver aspectos profissionais negativos no decorrer da doença, já que se sente dominado pela exaustão mental e física.

Souza (2013, p. 31), descreve os principais sintomas como: dores de cabeça, insônia, úlcera, tensão muscular, fadiga crônica, problemas cardiomusculares e cardiovasculares, ansiedade e depressão, além de possíveis transtornos psiquiátricos. E quando afetado por Burnout, o professor tende a desenvolver estado autodepreciativo e arrependido de fazer parte da profissão e, passa a pensar em abandoná-la.

Também se destacam entre as principais doenças, um dos fatores principais relacionados ao trabalho do professor, o mesmo faz uso da voz como recurso didático para a comunicação com os alunos. “As pesquisas revelam que tendo em vista a associação entre profissão e saúde vocal é a categoria docente aquela que mais apresenta prevalência e incidência de distúrbios desta natureza. (SOUZA, 2013, p. 30)

A voz é parte fundamental do trabalho do professor, no entanto, grande parte desses profissionais a usam de maneira inadequada, diante das situações adversas, acabam tendo que aumentar a intensidade da voz. Pois, lidam com turmas superlotadas, ruídos internos/externos do ambiente laboral e até mesmo para chamar a atenção de algum aluno.

Behlau e Pontes (1999) apud Amorim (2006, p. 23), descreve que a disfonia que afeta os docentes pode ser caracterizada por uma dificuldade que impede a produção natural da voz e seus principais sintomas são: rouquidão, garganta raspando e ardendo, sensação de corpo estranho, tensão no pescoço, cansaço na voz.

Além do adoecimento mental que é a principal causa de enfermidade que atinge os professores, existem também os fatores físicos. O professor é responsável por uma gama de atividades, que só depende exclusivamente dele para realizá-las, e com uma sobrecarga extensa de trabalho, acaba gerando um abalo no seu condicionamento físico e mental. Cruz et al destaca “A realização das atividades, intra ou extraclasse exige do professor condições físicas e psicológicas, pois as atividades envolvem esforço físico e esforço mental. (2010, p.152)

Segundo Lameu et al. (2009), os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) ou lesões por movimentos repetitivos (LER), são doenças caracterizadas pelo desgaste de estruturas do sistema músculo esquelético que atingem várias categorias profissionais. As atividades e os movimentos repetitivos realizados pelos professores, ocasionam problemas de articulações que acabam gerando consequências físicas e psíquicas na vida desses profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Respondendo aos objetivos de acordo com a literatura pesquisada, é possível observar que, embora exista considerável número de publicações que abordam sobre a questão da saúde do professor no contexto do trabalho docente, poucas relatam sobre as ações que busquem alternativas que viabilizem a prevenção do adoecimento.

O estudo de Antunes (2000) se assemelha ao de Bueno e Almeida (2006), sobretudo, nas abordagens das questões da precarização do trabalho no mundo atual. Com as diversas transformações que vem acometendo a sociedade na atualidade, é notório os grandes impactos no processo de trabalho, pois, as consequências do neoliberalismo e da reestruturação produtiva já são vistas com frequência e atingem em massa os trabalhadores, ocasionando na destruição da força produtiva, da natureza e do meio ambiente.

O estudo de Tardif e Lessard (2005), aborda a questão da complexidade das exigências em que o professor se torne um profissional que tenha inúmeros domínios. O ensino que antes era voltado para as experiências e conhecimentos, volta-se ao mercado de trabalho e exige-se que o professor ensine com foco em preparar o aluno para atender a dinâmica da sociedade globalizada marcada pela competitividade e pela exclusão.

O estudo de Pachiega e Milani (2020), aborda a questão do trabalho docente em meio a pandemia do coronavírus e comprovam os danos causados por essa mudança radical do processo de ensino, à saúde do professor. De uma hora para a outra, o professor viu tudo mudar, e tiveram que realizar muitas alterações em suas metodologias que estavam elaboradas para as

aulas presenciais. Muitos não tinham conhecimento e nem habilidades tecnológicas, fator esse que acabou tornando-os mais vulneráveis aos fatores de estresse e ansiedade.

Em se tratando de saúde docente e os fatores contribuintes ao adoecimento, é importante ressaltar o estudo de Ferreira (2013), o qual, tratou questões relativas às enfermidades que mais atingem os professores e seus agravantes, e foi concluído que a precarização que atinge o campo educacional acaba manifestando os sentimentos de desmotivação, estresse, desrealização diante dos desafios enfrentados no dia a dia por esses profissionais e, dessa forma, os tornando mais vulneráveis ao desencadeamento de doenças ocupacionais.

No estudo realizado, Queiroz e Marinho (2020) buscaram entender os fatores que estão associados ao desencadeamento de doenças ocupacionais nos professores na cidade de Manaus. A pesquisa foi realizada em 32 escolas com 320 profissionais, e as maiores insatisfações relatadas por eles foram o baixo salário (62.4%), a ausência de acompanhamento familiar na vida escolar dos discentes (19.6%) e a infraestrutura precária do recinto escolar (10.9%). E entre as doenças que mais acometem esses docentes estão as psicossomáticas que foram as mais citadas, seguidos de doenças osteomusculares e nas cordas vocais. Em questão de intervenções, as autoras destacaram a necessidade das políticas públicas que visem de fato valorizar o profissional educador e oferecer melhores condições de trabalho.

E entre uma das doenças que mais acometem os professores, está a síndrome de *Burnout* como aponta o estudo de Souza (2013) e Carlotto (2002), que buscaram entender o perfil do adoecimento docente, os principais sintomas da doença são dores de cabeça, insônia, úlcera, tensão muscular, fadiga crônica, problemas cardiomusculares e cardiovasculares, ansiedade e depressão, além de possíveis transtornos psiquiátricos.

Estudos como de Reis et al. (2006) e Amorim (2006), retratam sobre a questão da saúde mental e dos distúrbios de voz que com a precariedade do trabalho docente acaba atingindo a saúde do professor. Ensinar é uma atividade altamente estressante que repercute no desempenho profissional do docente e na sua saúde física e mental, e dentre as principais queixas encontradas no estudo de Reis et al. (2006) os 808 professores que fizeram parte da pesquisa relataram o cansaço mental (70,1%) e o nervosismo (49,2%) como os principais fatores que os atingem.

De acordo com a literatura pesquisada por Amorim (2006), os problemas com a voz foram apontados como a terceira doença que mais acomete os professores pesquisados (55%). A voz, como instrumento essencial do trabalho do professor, merece atenção e cuidado para que a mesma dê condições ao profissional de exercer seu trabalho de maneira eficaz. E Souza et al (2013), aborda que a necessidade de falar incessantemente e de alterar o tom de voz repetidas vezes, provoca calosidade das cordas vocais.

O estudo de Gasparini, Barreto e Assunção (2005), nos levam a compreensão das reais condições que sofre o trabalho do professor, e a forma como ele se desenvolve. Os adoecimentos físicos e mentais dos professores constituem um desafio e uma necessidade para se entender o processo saúde-doença do trabalhador docente, e os estudos dos autores acima relatados, abordam os dados de afastamentos dos professores por motivo de saúde das instituições de ensino. E também foi constatado que os adoecimentos psíquicos ficaram em primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram os afastamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fatores como a intensificação do trabalho docente, a precariedade do ambiente de ensino, o desgaste físico e mental, a desvalorização profissional e salarial, dentre outros, corrobora para o adoecimento do professor.

A pandemia da COVID-19 evidenciou a falta de preparo docente para adaptação aos meios tecnológicos e plataformas digitais, fator este que, desencadeou muito estresse e ansiedade frente a esse novo desafio.

O trabalho docente associado a estilos de vida inadequados pode desencadear o adoecimento. As doenças ou disfunções mais comuns que atingem os professores, de acordo com a literatura referenciada, são doenças psicossociais e osteomusculares que os levam ao afastamento do seu ambiente de trabalho. Os fatores que interferem na saúde do docente, mais relatados foram a sobrecarga de trabalho, precariedade do ambiente de ensino, desvalorização profissional, falta de descanso e de momentos de lazer.

Para o processo educacional avançar, faz-se necessário que iniciemos pelo professor, mas não é simplesmente com a formação desse, mas principalmente com a saúde deste profissional no desempenho de sua prática docente. A preocupação com a saúde docente deve ser um parâmetro fundamental para um sistema educacional consistente, que dê prioridade às melhores condições de trabalho e a valorização destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Sandra et al. A crise sanitária aliada as consequências da pandemia pela Covid-19. **Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente**. Universidade e Sociedade. São Paulo. 2021.

AMORIM, S. N. M. de C. **Distúrbio vocal e estresse: os efeitos do trabalho na saúde de professores/as do ensino fundamental de Goiânia.** Universidade Católica de Goiás (Dissertação de mestrado): Goiânia, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **A Cidadania Negada.** Buenos Aires. Editora CLACSO. 2000.

ARAÚJO, T et al. **Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil:** reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. Universidade Estadual de Feira de Santana. Santana – BA. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/BYh8RV9xyw6N6kdJSqqHkLg/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 22/08/2021

ASSUNÇÃO, A; OLIVEIRA, D. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação e Sociedade.** Campinas. v. 30, n. 107, p. 349-372. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/fdCjfWkF8XYXTfyXGcgCbGL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27/08/2021

Brasil. (1986). **Ministério da Saúde. VIII Conferência Nacional de Saúde – Relatório Final.** Brasília/DF, 1986. Disponível em:
http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio_8.pdf Acesso em: 05/09/2021

CARLOTTO, M. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. Universidade de Santiago de Compostela. **Psicologia em estudo.** Maringá. v.7, n.1, p. 21-29. Junho de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNgqLHS3ppm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27/08/2021

CRUZ, R. et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Eletrônica de investigação e docência.** Santa Catarina. Julho de 2010. Disponível em:
[file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20de%20art%20C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20de%20art%20C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20(7).pdf) Acesso em: 08/09/2021

ESTEVE, José. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor.** 2ª edição. Porto-Portugal. Porto Editora. 1999.

FERREIRA, Shirley Alves. **A Saúde do Professor.** Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília. Alto Paraíso de Goiás - GO, Março de 2013. Disponível em:
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5471/1/2013_ShirleyAlvesFerreira.pdf Acesso em: 08/09/2021

GASPARINI, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa,** v. 31, n. 2, p.189- 199, maio/ago. 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/GdZKH9CHs99Qd3vzY5zfmnw/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 11/08/2021

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, M; FILHO, D. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a Universitário/a. **Ciências e Cognição**. Mato Grosso do Sul. Vol. 14, n.3. P. 62-82.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor**. 2ª edição. Porto-Portugal. Porto Editora. 1999.

OLIVEIRA, D.A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**. Campinas-SP. v. 25, n. 89. p. 1127-1144. 2004

PACHIEGA, M; MILANI, D. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set/dez. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Samsung/Downloads/18323-81572-1-PB.pdf Acesso em: 16/09/2021

QUEIROZ, Júlia; MARINHO, Tatiana. **Profissão docente e saúde de professores da rede municipal de ensino da cidade de Manaus**. Temas em Educ. e Saúde, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 575-593, jul/dez. 2020.

REIS, J. F. et al. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

SOUZA, Adriana. **O perfil do adoecimento docente na universidade de Brasília de 2006 a 2011**. Universidade de Brasília. Brasília. Fevereiro de 2013.

SOUZA, Kátia R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021.

SILVA, Andrey. et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. Revista de Saúde coletiva. **Physis**, Rio de Janeiro, v.30, n.2, 2020.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente**. 2ª edição. Petrópolis-RJ. Editora Vozes. 2005.